

A Questão de Gênero

Gerlinde Merklein Weber¹

Introdução

De início gostaríamos de rebuscar a evolução social do ser humano que é um ser social. Da relação de um ser humano com o outro, surge toda uma trama de relações sociais. E, do mesmo modo que o ser humano é constituído pelas relações sociais, ele também é constitutivo das relações sociais. Desse modo, incluindo os dois movimentos, acaba se estruturando uma sociedade, que possui suas características próprias de tempo e lugar.

Entre outras sociedades, também surgiu a sociedade capitalista ocidental, da qual fazemos parte com o lugar definido: o Brasil, e com a época específica atual: quatro anos da virada do século vinte.

Atualmente a sociedade capitalista ocidental vem sendo estudada e compreendida através de três categorias consideradas estruturantes: a categoria de classe social, a categoria de gênero e a categoria de etnia e cultura.

O enfoque do presente trabalho é a categoria de gênero, sabedores, no entanto, que não é possível isolar uma categoria por completo das demais, pois ocorre um intenso entrelaçamento entre todas elas.

Ao falar de gênero, poderemos observar que o assunto não nos parece estranho pois faz parte de nossa vivência. Ao mesmo tempo, poderemos ter dificuldades de destacar nuances por o assunto ser tão próprio nosso. Exatamente por isso, faz-se necessário olhar mais objetivamente em que relação social estamos envolvidos.

Fato é que o papel social atribuído a determinado sexo está em acordo com a estruturação social almejada, conivente com o poder que, em nossa sociedade, super valoriza o homem em detrimento da mulher.

Em se tratando de uma “peça que faz parte do jogo”, é de se supor que a mudança de um interfere no outro, isto é, que, ao mudar-se o “jogo”, muda-se também a “peça” ou que, mudando-se a “peça”, também se muda o “jogo”. Transferindo esse pensamento para a nossa questão de estudo: mudanças na sociedade implicam mudanças nas relações do gênero e mudanças nas relações do gênero implicam mudanças na sociedade, resultando num processo dialético de transformação.

Pretendemos discutir a questão do gênero tendo presente o cuidado que se deve ter “ao [se] lidar com as diferenças que separam os gêneros” (Saffioti, 1992, p. 191), pois o “aumento das diferenças pode obscurecer as identidades de classe (idem) como também não se deve “acentuar as semelhanças entre homens e mulheres para não se diluírem os efeitos na organização social de gênero” (idem).

¹ Pedagoga, Mestranda em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Sexo x Gênero

A discussão inicial que queremos levantar é diferenciar o que se compreende por sexo do que se compreende por gênero, pois, aos que pouco se ocuparam do assunto gênero, pode parecer que os termos sexo e gênero sejam sinônimos, o que de modo algum é compatível.

Jesus (1996, p. 1), nos fala que o sexo “diz respeito tão somente as diferenças anatômicas, fisiológicas e morfológicas entre o corpo feminino e masculino” enquanto “a palavra gênero transcende determinismos biológicos e traz à tona as dimensões social, cultural e simbólica que permeiam essa relação” (entre os sexos) (Goellner et al. apud Jesus, 1996, p. 1).

A pergunta que emerge é quem determina quem: o sexo determina o gênero ou gênero determina o sexo? De primeira vista, a resposta parece ser que o sexo determina o gênero, pois o sexo é colocado anatomicamente, sendo a relação de gênero uma consequência do sexo. No entanto, Saffioti nos indica que a direção do vetor é contrária: *do* “social para os indivíduos que nascem. Tais indivíduos são transformados, **através das relações de gênero**, em homens ou mulheres, cada uma destas categorias - identidades excluindo a outra” (1992, p. 187). É certo que ser homem ou ser mulher, estatisticamente colocado, está vinculado à proporção favorável de sexo masculino ou sexo feminino, respectivamente. No entanto, não são passíveis de ser ignorados os que nascem de sexo masculino e preferem assumir-se mulheres e os que nascem do sexo feminino e preferem assumir-se homens, ressaltando, desse modo, que as relações de gênero são determinantes sobre o sexo e não vice-versa.

“As dimensões social, cultural e simbólica” (Goellner et al. apud Jesus, 1996, p. 1) da relação de gênero, portanto, falam mais alto que as características biológicas do sexo. Assim, é oportuno lançarmos olhares com mais insistência naquilo que socialmente estamos construindo (e por meio do qual fomos construídos): as relações de gênero. Para tal, iremos nos inteirar da evolução histórica da questão do gênero para depois vermos como essa questão se mostra “aqui e agora”.

Evolução Histórica da Questão do Gênero

Sabendo que “... um ‘sistema de sexo/gênero’ é o conjunto de arranjos pelo qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana e no qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (Rubin apud Saffioti, 1992, p. 186), fica fácil concordar que sistemas de sexo/gênero não são emanções a-históricas da mente humana; eles são produtos da atividade humana histórica.

Baseando-se em Ponce, Pignaton nos mostra como historicamente começou a questão de gênero:

Nas comunidades primitivas, a sociedade era coletiva e todos trabalhavam para o bem de todos e, ao contrário do que foi transmitido, a mulher era muito considerada e livre [...] Podemos perceber que a questão do gênero não era latente. Com o surgimento das classes sociais, a propriedade comum é substituída pela propriedade privada e grandes transformações surgiram. A propriedade privada assegurava a riqueza e o

poder das famílias dos 'organizadores' do trabalho e o matriarcado, que era a forma normal da sociedade coletiva, passa a patriarcado por ter a necessidade de filiar seus filhos como forma de perpetuar sua dominação e dessa feita a mulher passa a ter um papel submisso nesse tipo de sociedade (1995, p. 6).

Conforme Ponce (apud Pignaton, 1995, p.6), “a mulher foi relegada a um segundo plano, passando a ocupar-se somente com funções domésticas que deixam de ser sociais”, iniciando, desse modo, a relação de gênero.

Estudos sobre o gênero começam a emergir no século XVIII, como uma curiosidade na antropologia.

O movimento feminista, que surge no final do século XIX, na Europa, acirrando-se no início do século XX, é o que vai iniciar, provocar e aprofundar a discussão sobre a questão do gênero. No Brasil, essa discussão surge em torno de 1920.

Chamamos a atenção para o detalhe que é o sexo feminino - cuja diferenciação do homem consiste na sua capacidade de procriar - “a peça do jogo” relegada ao segundo plano que é a iniciadora de um processo que irá mexer nas “regras do jogo”. (Bem certo é que é questionável o quanto a discussão sobre o gênero, levantada pelo movimento feminista, veio a fim de acarretar mudanças em primeira linha favoráveis para as mulheres, pois essa discussão veio a calhar com o sistema capitalista industrial que estava a preparar a oferta em massa da mão-de-obra.)

Taylor igualmente, segundo Bruhns,

...defende uma compreensão mais adequada do complexo jogo mútuo homem/mulher, na substituição simplista da dominação unilateral do homem. Dessa forma, podemos descobrir a importância de um jogo mútuo contribuindo não para o engrandecimento de apenas um sexo, mas para uma maior atenção em relação aos comportamentos e papéis de ambos os sexos (1995, p. 76).

Certo é que, uma vez estabelecidos os papéis sociais a serem desempenhados pelos sexos feminino e masculino - as relações sociais de gênero - parece ser muito mais fácil adequar-se a eles do que forçar mudanças, opondo-se aos papéis sociais determinados. (Aprofundar mais essa questão implicaria discutir o aspecto subjetivo na constituição da individualidade x coletividade.)

Como podemos ver, “gênero é construção cultural dada num momento histórico determinado e numa cultura determinada” (Grossi, 1993, p. 128), portanto algo construído socialmente e limitado à época e lugar específico. Nesse sentido, queremos tomar conhecimento de algumas características da relação de gênero em nossa sociedade brasileira atual.

A Questão do Gênero “Aqui e Agora”

Como “as diferentes culturas esperam que homens e mulheres tenham papéis e comportamentos distintos na sociedade” (Romero, 1994: p. 226), cabe tomarmos

conhecimento de que papéis e comportamentos são esperados que homens e mulheres apresentem na sociedade capitalista brasileira ao final do século XX.

Bruhns (1995, p. 77) nos apresenta a seguinte possibilidade de esquematização dos papéis que vêm sendo assumidos pelos respectivos sexos:

MASCULINO	FEMININO
sexo forte	sexo frágil
dominação	subordinação
esfera pública	esfera doméstica/privada
poder	“poder de manipulação”

Mais adiante, acrescenta ainda o “frio” para o homem e o “quente” para a mulher. Em se tratando de apatia sexual, chama a atenção para o uso dos termos “impotente” para os homens (que são fortes e que contrastam com a mulher fraca) e “frígida” para as mulheres (“frias”).

Quanto ao padrão de posições relativas no casal, Bruhns (1995) faz uso das conclusões de Prado, destacando que a mulher deve ser mais nova que o homem; que a iniciativa deve partir do sexo masculino, que a mulher deve ser resistente, apresentando recato-pureza, que a honra deve ser preservada pela virgindade.

Em questão de espaço, Bruhns (1995, p. 87), baseado em Lima, escreve que o *homem* “precisa’ de mais espaço que a mulher,” sendo o espaço da mulher individualizado, enquanto para os homens ele é coletivo entre pares, em se tratando de chuveiros em estabelecimentos mistos.

Romero (1994) levanta ainda outras características correspondentes ao gênero (além das já apresentadas por Bruhns):

HOMEM	MULHER
independente	dependente
menos afetivo	mais afetiva
agressivo	sensível
liberdade sexual	rigidez sexual
corajoso	insegura
desenvolvimentos da motricidade ampla	desenvolvimento da motricidade fina
ativo	meiga

Assim, poderíamos continuar buscando caracterizações que ressaltam a questão de gênero. Mas chega um momento em que então perguntamos: de que modo é que se proliferam e até, de certa forma, se “perpetuam” tais papéis? Grossi assim nos responde: o “papel de gênero aprendemos, desde pequeninho, olhando pai, mãe, tia, avó, televisão, empregada, na rua, etc. Isto está embutido em todas as relações sociais” (1993, p. 130). Mais adiante, a mesma autora alerta que “ainda há muito a fazer para [...] vencer a reprodução das relações inadequadas de gênero na escola, pois, se entendemos que o gênero é uma construção sócio-antropológica, é impossível continuar concebendo a escola alheia a esta problemática” (idem, p. 133-134).

É com esse intuito que veremos, ainda que superficialmente, como a escola se relaciona com a questão de gênero.

Questão do Gênero e a Escola

Jesus, em seu estudo sobre a “relação gênero e desempenho escolar”, conclui que

...os resultados relativos ao ser homem e ser mulher mostram tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos professores uma concepção sexualmente tipificada. Ainda predomina o padrão mulher submissa, frágil, doméstica, desprovida de poder e de homem forte, poderoso e livre. A comunalidade de pensamento entre alunos de sexo diferentes e a semelhança de pensamento entre alunos e professores nos fala de um forte padrão que permeia o imaginário social (1996, p. 12).

Quanto ao desempenho escolar, a mesma não constatou diferenças significativas entre meninos e meninas, determinadas pelo gênero. No entanto, reconhece que uma consciência de “trabalho no sentido de quebra das desigualdades nas relações de gênero pode ser um dos caminhos para a construção do sucesso escolar tanto de meninas quanto de meninos” (idem, p. 13).

Portanto, falar da questão do gênero no interior da escola é no mínimo complexo, sabendo que, de modo geral:

- a educação é” uma profissão eminentemente feminina “(Bello, 1996, p. 23);
- a mulher é padronizada como “submissa, frágil, doméstica, desprovida de poder” (Jesus, idem);
- a mesma assume o papel a ela determinado, do mesmo modo que o homem assume o papel a ele determinado socialmente.

Refletir sobre o papel que a mulher vem assumindo na reprodução do estereótipo de gênero que a coloca como “submissa” é necessário, no sentido de tomar consciência do fato para então buscar caminhos de resistência (ou as mulheres estão satisfeitas com o papel a elas atribuído na relação de gênero?). De maneira alguma queremos incorrer no perigo de estar culpando a vítima, pois reconhecemos que o papel de “submissa” foi imposto à mulher em troca de algumas vantagens. No entanto, as vantagens na distribuição das relações de gênero, não são paritárias entre homens e mulheres. Como a questão de gênero é determinante e ao mesmo tempo determinada sócio-historicamente, vislumbramos que uma mudança na distribuição de papéis, de acordo com o ser homem ou ser mulher, de forma mais paritária, é possível ser alcançada através de um processo dialético de transformação.

Sem pretensão de com isso estar esgotando a discussão sobre a questão do gênero e a escola, gostaríamos de chamar atenção para um aspecto ainda: Bello (1996) nos apresenta dados que demonstram que, na formação de professores para níveis escolares mais baixos, predominam as mulheres, enquanto em níveis de formação mais altos, os homens são mais numerosos. Consideramos a turma X de Mestrado em Educação o Programa do Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo um exemplo desse dado, apesar de sermos sete mulheres e sete homens. Em números absolutos, existe uma paridade, mas, na proporção de

educadores homens para educadoras mulheres, as mulheres, com certeza, estão menos representadas.

Igualmente, pode-se constatar uma disparidade entre os gêneros, no que diz respeito a profissões. Consenza (apud Bello, 1996, p. 23), nos apresenta dados sobre mestrados e doutorados: as “mulheres são 70,2% de letras e artes, 38,2% de ciências humanas e sociais e apenas 17,1% de ciências exatas e tecnológica”. Interessantemente, as mulheres se encontram concentradas em áreas profissionais menos bem pagas, enquanto os homens se encontram em áreas mais bem remuneradas.

A escola, como já evidenciado, é **um** dos espaços onde a relação de gênero é aprendida, mas não o único. Todas as relações sociais são passíveis de serem analisadas criticamente, sob a ótica da questão de gênero. Cabe, a nosso ver, cada qual buscar aprofundamento na área de sua atuação direta. Assim, é conveniente o pai, a mãe observar-se na relação que estabelece com o filho, com a filha; o professor e a professora observar-se na relação que estabelece com o aluno, com a aluna “... a fim de identificar desigualdades no trato, de acordo com o gênero, buscando ao menos minimizar as desigualdades de oportunidades constatadas a partir da relação de gênero”.

Tentativas de Conclusão

Por trás da questão de relação de gênero, encontra-se todo um interesse de poder, pois é “dentro do gênero que o poder é articulado” (Pignaton, 1995, p. 7).

Manter-se numa postura de neutralidade diante da questão de gênero é concordar com o poder que dá diferentes direitos, deveres e oportunidades aos sexos distintos.

Em nossa sociedade capitalista ocidental, em desenvolvimento, podemos dizer que a discrepância existente no trato da mulher e do homem favorece, em termos, o homem em detrimento da mulher.

Conforme Machado (1993), o poder se estabelece por convivência social enquanto de vantagem tanto aos que o exercem quanto para os que a ele se submetem. Quando, no entanto, as vantagens de uns forem consideradas disparitárias em relação aos outros, é possível se instalar um processo de resistência, que funciona como dispositivo de mudança da relação do poder estabelecido. Foucault (1993, p. 241) assim se expressa sobre o assunto: a “partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa”.

Reconhecemos que é algo nessa direção o que Garcia (1996, p. 7) nos quer ilustrar ao falar de uma mulher, Vânia, que se coloca diante de seu papel determinado pelo gênero e tenta subverter o estereótipo do gênero mulher, o que implica subverter também o estereótipo do gênero homem, tornando a vivência de ambos angustiante, pelo fato de o homem não saber lidar com o novo e a mulher não aceitar mais a subserviência.

A resistência da mulher, frente às condições colocadas pela questão de gênero, desemboca na re-construção da relação de gênero, visto o mesmo ser um produto social histórico determinante e determinado.

A disposição e interesse pela mudança na relação de gênero ainda é pouca - visto, por exemplo, no fato levantado por Jesus (1996, p. 12) em que docentes não questionam as relações homem/mulher na escola. Por outro lado, a discussão sobre a questão do gênero vem aumentando tanto em nível nacional quanto internacional, levando a crer que alguma coisa nesta direção está entrando em movimento. Pelo que parece, o viés de discussão do assunto em pauta deve perpassar em primeira linha a mulher.

Com isso, o "que se espera e se deseja é que todos os indivíduos se tornem humanos plenos e que possam usufruir de todo potencial para uma sociedade melhor" (Romero, 1994, p. 232).

Referências Bibliográficas

- BELLO, José Luiz de Paiva. Educação da mulher: a perpetuação da injustiça. **Pró-Discente**, Vitória, v. 2, n.3, p.12-25, 1996.
- BRUHNS, H. T. Corpos femininos na relação com a cultura. In: E. ROMERO (Org.). **Corpo, mulher e sociedade**. Campinas: Papirus, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GARCIA, Francisco Montero. **Violência de gênero no universo simbólico: um estudo**. SBPC, 1996. 7 p.
- GROSSI, M. P. A questão do masculino e do feminino para a transformação das relações na sala de aula. In: E.P. GROSSI e J. BORDIN (Orgs.). **Construtivismo pós-piagetiano**. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 124-134.
- JESUS, Denise Meyrelles de. **A relação entre gênero e desempenho escolar: traçando caminhos**. UFES, 1996. 14 p. (mimeo)
- MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. VII-XXIII.
- PIGNATON, Andrea Souza Carmo. Gênero e Poder. **Pró-Discente**, Vitória, n. 2, p 6-7, 1995.
- ROMERO, Elaine. A Educação Física a serviço da ideologia sexista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Santa Maria, nº. 15, p. 226-233, jun. 1994.
- SAFFIOTI, Heleieth I.B. Rearticulando gênero e classe social. In: A.O. COSTA, C.BRUSCHINI (Org.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.